

Um Olhar Sobre
a Filosofia Esotérica



© 2017 – Edilson Almeida Pedrosa

Um Olhar Sobre a Filosofia Esotérica

Edilson Almeida Pedrosa

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
[vendas@edconhecimento.com.br](mailto: vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Isadora G. Moreira, Regis Alves
de Souza e Vera Lúcia Grandão
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-390-7
1ª Edição – 2017

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pedrosa, Edilson Almeida
Um Olhar Sobre a Filosofia Esotérica / Edilson Almeida Pedrosa – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2017.
912 p. (Teosofia a força da Verdade)

ISBN 978-85-7618-390-7

1. Ciências ocultas 2. Teosofia 3. Espiritualidade 4. Reencarnação 5. OVNIs I. Título

17-0491

CDD – 130

Índices para catálogo sistemático:
1. Esoterismo

Edilson Almeida Pedrosa

Um Olhar Sobre a Filosofia Esotérica

1ª edição
2017



Você encontrará diversos QR Code como o exposto acima, ao lado de trechos específicos desta obra, para que possam ser compartilhados com amigos e leitores interessados no assunto.

Para baixar o aplicativo no smartphone, acesse os links abaixo, de acordo com o modelo de seu aparelho e o sistema operacional utilizado:

Apple - iOS

<https://itunes.apple.com/br/app/qr-reader-for-iphone/id368494609?mt=8>

Google Play - Android

https://play.google.com/store/apps/details?id=me.scan.android.client&hl=pt_BR

Windows phone - Microsoft Windows

<https://www.microsoft.com/pt-br/store/p/qr-code-reader/9wzdncrfj1s9>

Agradeço aos Mestres que me preservaram e inspiraram para que eu pudesse escrever este livro, à minha esposa, Sonia Regina Grandão Pedrosa, pelo constante e inestimável estímulo para prosseguir-lo, às queridas sobrinha e cunhada Isadora Grandão Moreira e Vera Lúcia Grandão e ao amigo e companheiro de caminhada Régis Alves de Souza, que o revisaram meticulosamente. Tampouco posso esquecer o eminente teósofo Francisco Araújo, decano da Loja Perseverança da Sociedade Teosófica no Brasil, pela apreciação e sábio aconselhamento.

Sumário

Um Olhar sobre a Filosofia Esotérica

Introdução 11

Capítulo 1

As ciências do oculto na Natureza e no homem 22

- Exoterismo versus esoterismo • Misticismo • Ocultismo - o estudo dos fundamentos de todas as coisas • Magia e o seu poder • Importância do mito e da linguagem sagrada • Zodíaco e a sua influência

Capítulo 2

O que é a teosofia e quem são os teósofos..... 52

- Breve história do movimento teosófico moderno

Capítulo 3

Existem os mestres de sabedoria? 67

- O que é um médium

Capítulo 4

Blavatsky - Mensageira dos *mestres* 92

- A obra • A vida

Capítulo 5

Mistérios e escolas de mistérios..... 200

- Mistérios maiores e mistérios menores • Grandes iniciações e o glorioso destino do ser humano • Visão geral de algumas escolas de mistérios • Mitraísmo • Gnosticismo • Essenismo • Mistérios cristãos

Capítulo 6

Sobre Deus e a oração..... 260

- A verdadeira oração

Capítulo 7

Planos, princípios e elementos cósmicos..... 284

- Planos cósmicos • Princípios cósmicos • Elementos cósmicos • As inteligências que põem o universo em movimento

Capítulo 8	
Os sete princípios humanos	326
• Corpo físico (sthula-sharira) • Prana (vitalidade) • Linga-sharira (duplo etérico) • Kama-rupa (alma animal) • Manas (alma humana) • Buddhi (alma espiritual) • Atma (espírito)	
Capítulo 9	
Três leis fundamentais correlacionadas	355
• Karma • Evolução • Reencarnação • Ciclos e calendários • Cronologia dos brâmanes • Numerologia dos ciclos	
Capítulo 10	
Morte e os estados da pós-morte	441
• Momentos que antecedem à morte • O que ocorre logo após a morte • Regiões do pós-morte: kama-loka e devachan • Separação de princípios: formação da sombra e do cascão • Estados de gestação, devachan e avitchi • Oitava esfera e os egos que não passam pelo devachan • Tempo de vida no post-mortem • Recuperação da memória (final de ciclo) • Contato com os vivos • Suicidas e acidentados • Não precisamos temer a morte	
Capítulo 11	
A formação do Cosmo e do homem	481
• Sol - O doador da vida • Universo - uma projeção do Pensamento Divino • Parabrahman, a lei eterna e absoluta • Mulaprakriti, o substrato da matéria • Primeiro logos (centro de força) • Luz do logos (vida) • <i>Fobat</i> • Segundo logos (espírito-matéria) • Terceiro logos (o surgimento das mônadas) • Os vigilantes, os sete raios e as hierarquias celestiais • Guerra no céu e a queda dos anjos • <i>Lúcifer</i> e os Anjos Caídos • O Demônio na visão esotérica • Mônada - significado esotérico • Monadologia de Leibnitz • Antecessores e antecedentes da humanidade	
Capítulo 12	
Esquema de evolução planetária	621
• Cadeia de Mundos • Influência da Lua sobre a Terra • Evolução das mônadas na cadeia terrena • Obscurecimento planetário • Pralaya solar	
Capítulo 13	
Rondas, raças-raízes e evolução das mônadas.....	654
• Primeira ronda • Segunda ronda • Terceira ronda • Quarta ron-	

- da (a atual) • Evolução das raças-raízes na quarta ronda • Como surgiram os homens e as raças-raízes • Primeira raça-raiz (sombras, a raça dos deuses) • Segunda raça-raiz (os nascidos do suor) • Terceira raça-raiz (os nascidos do ovo) • Quarta raça-raiz (os atlantes) • Quinta raça-raiz (ariana) • Sexta e sétima raças-raízes • Quinta à sétima rondas

Capítulo 14

Para onde caminha a humanidade 769

- Luta entre a intelectualidade e a espiritualidade • Destino dos egos reprovados na quinta ronda • Nirvana e paranirvana • Quem dirige o processo evolutivo e qual a sua finalidade? • Dia sê conosco

Capítulo 15

Teosofia e conhecimento científico..... 787

- Ciência esotérica e o método científico • Vida e átomos-vida • Repensando a memória e a mente: ressonância mórfica • Éter versus vácuo • Materialismo sem matéria • Teoria do big bang e o ensinamento teosófico • Mistérios e paradoxos da mecânica quântica

Capítulo 16

Teosofia, a ciência dos extraterrestres: uma digressão . 875

Conclusão..... 903

Bibliografia 908

Introdução

A teosofia, também denominada doutrina secreta, tem sido apresentada tradicionalmente com a utilização sincrética de definições, ideias e expressões de religiões, filosofias e mitologias de várias partes do mundo, embora seja, de fato, um sistema de verdades fundamentais a partir do qual todas as religiões nasceram. Segundo esclarece Helena Petrovna Blavatsky, a fundadora da Sociedade Teosófica moderna, em sua magna obra, *A Doutrina Secreta*, de 1888, os conceitos mais fundamentais de teosofia provêm originalmente das antiquíssimas e misteriosas Estâncias de Dzryan (o vocábulo Dzryan deriva-se da palavra sânscrita *dhyan*, que significa ‘meditação mística’). Por consequência, também foram essas estrofes arcaicas da tradição oculta que embasaram o referido livro de Blavatsky, que as traduziu e comentou. Demonstra-se, assim, a existência de uma ciência de caráter arcano já nos primórdios da humanidade. Os leitores devem ter percebido que uma coisa é a doutrina secreta e outra o livro de Blavatsky denominada *A Doutrina Secreta*, que é uma das mais relevantes revelações daquela doutrina, embora sua autora sempre acentuasse que seus escritos não eram infalíveis. A obra de Blavatsky não é única, e existem muitas outras que são igualmente respeitáveis repositórios de teosofia, produzidas desde há milhares de anos nos mais diversos locais do planeta.

As estrofes que foram encontradas em *O Livro de Dzryan* são o registro da história de um povo desconhecido pela etnologia e numa língua que a filologia ainda desconhece. Este livro corresponde ao primeiro volume dos ‘Comentários’ sobre os sete volumes secretos (ou folhas secretas) dos livros de Kiu-te. Os livros de Kiu-te são pergaminhos arcaicos de origem tibetana que versam sobre temas ocultos e contêm os registros de toda a evolução da humanidade. Blavatsky alegava ter tido acesso e estudado esse material durante os períodos em que esteve em monastérios do budismo tibetano. Os pergaminhos originais, fa-

bricados segundo um processo desconhecido, compunham uma coleção de folhas de palma resistentes às intempéries. Os livros podem ser encontrados nas bibliotecas de qualquer monastério gelugpa do Tibete e compõem uma coleção de 35 volumes de escritos populares e sete esotéricos, complementados por cerca de 14 volumes de ‘Comentários’, também secretos, e um amplo glossário de termos de ocultismo. Os 35 volumes exotéricos, que formam a versão popular da doutrina secreta, estão apinhados de relatos mitológicos e cobertos por véus deliberados. Durante algum tempo, os especialistas do Ocidente negaram a existência destes livros. Contudo, depois de resolvida a questão da transcrição dos fonemas para o alfabeto ocidental, constatou-se, sem qualquer dúvida, que estes livros se encontram, de fato, protegidos por lamas nas bibliotecas dos monges gelugpa, bem como de diversas outras escolas como as dos *kargyupda*, *nyingmapa* e *sakyapa*.¹

Como as Estâncias foram escritas em *senzar*, língua arcaica só conhecida por poucos iniciados² haveria naturalmente dificuldades na tradução para o inglês dos termos técnicos escritos naquele texto original. Daí porque, em substituição, Blavatsky usou palavras sânscritas aceitas como sinônimos das expressões originais grafadas em *senzar*. Não há nisso nenhuma violência, dada a maior proximidade das ideias expressas pela teosofia com os ensinamentos do hinduísmo e do budismo e a especialidade dessa língua indo-ariana do norte da Índia no trato das questões transcendentais e da subjetividade da natureza humana. No presente trabalho, essas palavras foram utilizadas

1 O budismo tibetano, conhecido como vajrayana, ou o caminho do diamante, é uma escola da tradição budista da linha mahayana que surgiu entre iogues indianos a partir do século dois, tendo se tornado predominante no Tibete, onde foi introduzida no século oito. Caracteriza-se pela recitação de mantras, visualizações e meditações elaboradas como meios de se atingir a iluminação. Distinguem-se nele quatro principais escolas: Nyingma, derivada da primeira introdução, conhecida como a ‘escola dos antigos’, que é misturada com tradições xamanistas, e por isso tida como ‘dos dugpas’, ou adulteradores da pura doutrina; e as escolas que surgiram a partir da segunda introdução: Kagyu, Sakya e Gelug. Esta última foi reformada por Tsong-kha-pa. Apesar de diferenças de terminologia e liturgia, basicamente elas se assemelham. Antes da introdução formal do budismo no Tibete, lá existia a tradição Bön, que é considerada também uma escola vajrayana por alguns acadêmicos e monges tibetanos, dentre eles o Dalai Lama.

2 (Wise, 1999). A propósito, iniciado (*initiatu*s, do latim) é, especificamente neste trabalho, o termo usado para designar alguém que recebeu ensinamentos sobre os mistérios da filosofia oculta, ou doutrina secreta.

no sentido que interessa ao contexto, embora possuam muitos outros significados e conotações nas diversas filosofias, religiões e seitas orientais. Alerto que, para os iniciados, as palavras-chaves têm sete níveis de significado, tal como acontece em geral com o simbolismo da linguagem sagrada. Ademais, no presente trabalho, elas foram escritas sem nenhuma preocupação com os sinais diacríticos convencionais usados na transliteração para o inglês dos caracteres com que foram gravadas originalmente (do alfabeto devanágari para o romano), pois, além dos estudiosos, quase ninguém os entende na nossa língua, e eles só aumentam a perplexidade dos leitores leigos, dentre os quais me incluo. Por uma questão metodológica, todas as palavras de origem sânscrita foram mantidas com a mesma grafia de suas transliterações em inglês, com a condição de que não existam traduções para o vernáculo, como é o caso da palavra *karma*, que substituo por carma.

A obra de Blavatsky está também alicerçada grandemente em lições espirituais coletadas no *Livro dos Preceitos de Ouro*, material que tem uma origem comum com as Estâncias de Dz-yan. Com base em fragmentos dos Preceitos, Blavatsky escreveu, em 1889, o livro *A Voz do Silêncio*³ uma obra muitíssimo inspirada que, em linguagem poética, faz recomendações práticas aos aspirantes dispostos a trilhar o ‘caminho da santidade’. *A Voz do Silêncio* mencionada no título é a inspiração recebida diretamente pelo praticante e que provém do seu eu superior (a sua alma imortal). Essa comunicação divina é uma condição comum ao devoto dedicado à ascese e ao treinamento e, quase sempre, só se torna completa depois de várias encarnações de contínua dedicação à causa espiritual. Não se pense que haja muito desses dedicados seres. É mais comum defrontarmos com pseudoiniciados e santarrões que padecem de um desvio comportamental a que um amigo psicólogo chama de síndrome da santidade precoce.

Caro leitor, este livro trata desses assuntos transcendentais, importantes demais para que você os possa ignorar. Muitos deles, por estarem completamente fora de nossas percepções comuns, costumam ser alvo de desprezo e objeto de zombaria, ain-

3 (Blavatsky H. P., *A Voz do Silêncio*, 1997).

da mais porque contrariam interesses de pessoas e instituições que cultivam mentiras bem elaboradas em proveito próprio, mantendo cegos os seus seguidores ao apresentarem-se como os únicos portadores da verdade. Em seu próprio benefício, peço-lhe encarecidamente que leia este livro de mente aberta, deixando de lado, ao menos por enquanto, as ideias preconcebidas, quer religiosas ou materialistas, porque estou certo de que temos sido ensinados de maneira errada pelos formadores de opinião, pelas igrejas, pela escola, pela maioria dos livros, a respeito de fatos do nosso passado muito distante, da ciência, da história e da verdadeira constituição do ser humano. A maioria de nós vive num mundo de sonhos onde aquilo que percebemos está muito longe da realidade. Tal como simbolizado no filme, estamos presos e controlados na Matrix, onde ignoramos que o mundo no qual vivemos é bem diferente do que nos parece. Temos que abandonar as fantasias e mentiras, sacudir o torpor mental que nos faz raciocinar por procuração. Não é fácil, mas cada um de nós deve consultar o seu coração e tentar perceber se não está sendo enganado. Não devemos desperdiçar a chance de chegar à verdade apenas para pôr a salvo ideias suspeitas que nos foram implantadas na mente desde a infância.

Muita gente despreza o estudo dos conhecimentos teosóficos por julgá-los destituídos de comprovação e não resistirem à crítica científica, que exige uma linguagem de absoluta clareza, impossível de ser empregada na descrição de fatos de natureza sublime que estão muito além das evidências meramente empíricas e inexprimíveis na linguagem convencional. Essa atitude, no entanto, pode ser considerada preconceituosa e inteiramente distanciada da verdade, pois a teosofia assenta-se em conhecimentos oriundos de experiências admiráveis vivenciadas por homens realmente sábios que falam daquilo que presenciaram e não do que ouviram dizer. O acervo destes conhecimentos e testemunhos tem sido transmitido de forma escrita e oral, quase sempre sob o segredo da iniciação, a uma sucessão de homens igualmente sábios. Esses luminares têm preservado e colocado tal patrimônio ao alcance de toda a humanidade, geralmente, sob a forma de parábolas, símbolos e mitos, dado que a grande maioria das pessoas não está preparada para entrever as ver-

dades mais profundas ou compreender os ensinamentos mais complexos e especializados que ali se encontram, pois como disse o poeta Mário Quintana: “Quem não compreende um olhar, tampouco compreenderá uma longa explicação.”

Os estudantes não devem desanimar, tendo em conta que os números e os símbolos são, na verdade, a chave do ensinamento esotérico. Ainda que o leitor mais cético possa considerar tudo isso uma fantasia, fruto de mentes muito imaginativas, é razoável que conceda à teosofia o beneplácito da dúvida, e verifique por si mesmo a plausibilidade das suas teorias,⁴ porque se baseiam em premissas e hipóteses não contraditórias, inteiramente lógicas e que levam a resultados previsíveis, sendo, portanto, filosoficamente corretas. É possível, ademais, demonstrar-se que as verdades fundamentais sobre a natureza e as ideias gerais sobre a substância primordial, o espírito, a matéria, Deus, o universo e o ser humano asseveradas pela teosofia estavam incorporadas na filosofia de quase todos os povos existentes na antiguidade, conforme Blavatsky expôs com muita propriedade em seus escritos.

Como consequência da difusão das ideias libertadoras da filosofia oculta,⁵ as pessoas comuns, mas com algum vislumbre das possibilidades do espírito humano e sabedores de que, além da alegria de fazer o bem, não existe prazer mais sublime que o de compreender, têm-se esforçado, ao longo de toda a história da humanidade, na busca de explicações dos segredos ocultos da natureza ou dos poderes latentes do ser humano, sendo intuitivamente atraídas pelos grandes mitos dos povos antigos e pelos mistérios da natureza e os conhecimentos das tradições religiosas e da filosofia esotérica, o que as tem impulsionado para uma vida muito mais digna e cheia de significado. Platão dizia que o único objetivo na vida deveria ser alcançar o verdadeiro conhecimento. O conhecimento deve ser buscado não para o preenchimento do eu, mas sim pela própria qualidade de ser conhecimento, pois que é o alimento da alma. Leonardo da Vinci

4 A propósito, Blavatsky afirma que “*A Doutrina Secreta* não é um tratado ou série de teorias vagas, senão uma explanação de tudo o que pode ser dado ao mundo neste século [no séc. XIX].” (Blavatsky H. P., *A Doutrina Secreta*, 1973, Vol. I, p. 61).

5 Muitas vezes neste texto, a teosofia será chamada alternativamente de sabedoria antiga, religião ou tradição sabedoria, doutrina oculta ou esotérica ou secreta, filosofia oculta ou esotérica e filosofia perene, todas expressões consideradas sinônimas.

assim se expressou sobre as virtudes do saber: “O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da velhice. Colhe, pois, a sabedoria. Armazena para o amanhã”, o que pode ser complementado nas palavras de um mestre de sabedoria, que disse: “... O conhecimento reside em cabeças com pensamentos alheios; a sabedoria, em mentes que refletem por si mesmas...”⁶ Dentre essas pessoas com tendência natural para a metafísica, podem ser consideradas teosofistas aquelas que, além de estudar o ensinamento teosófico e amar o bem, a verdade e a sabedoria, encontram maior satisfação em ajudar o próximo do que em ser ajudadas, estando sempre prontas a se sacrificar em prol de qualquer outra pessoa, porque sabem que amar o próximo é vivenciar o ideal do amor universal. Há ainda pequena minoria que se aventura no árduo caminho denominado a senda de aceleração do avanço evolutivo, realizando em poucas vidas o que poderia tomar um grande número de encarnações caso seguisse o caminho natural daqueles que baseiam seu progresso apenas no aperfeiçoamento moral. Os que se decidem pelo caminho acelerado despertam mais cedo seus poderes ocultos e adquirem muito mais rapidamente os conhecimentos esotéricos que os capacitam a se engajar num trabalho mais eficiente de ajuda à humanidade. Surge, então, a consciência de que o verdadeiro conhecimento é muito mais que uma condição mental, sendo antes um estado espiritual que acarreta a completa união entre sujeito e objeto, conhecedor e conhecido. Nessa trilha de grande crescimento espiritual, eles são dura e constantemente testados, devendo vencer todas as inclinações para a mundanidade, o apego, o egoísmo, a vaidade e outras características negativas da personalidade, ao tempo em que devem procurar desenvolver as qualidades contrárias, como o desapego, a solidariedade, a compaixão, o amor sem limites, a humildade. Porém, essas pessoas não estão sozinhas, pois são frequentemente auxiliadas pelos *jivanmuktas*⁷, os homens santos que renascem abnegadamente na Terra ou atuam no ambiente terrestre para ajudar a tirar a humanidade da ignorância e da miséria espiritual.

6 (Blavatsky H. P., *A Doutrina Secreta*, 1973, Vol. I - p. 208).

7 São os adeptos que, durante a vida, descem ao mundo inferior para ajudar a humanidade por amor a ela, embora tenham alcançado o nirvana, que é um estado indescritível de beatitude, bem-aventurança e pureza.

Aqueles que se decidem pela senda esperam comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal que abrirá os seus olhos, capacitando-os a verem as coisas como realmente são, tornando-os, portanto, como deuses. Ao serem iniciados, eles adquirirão o poder de sair livre e conscientemente do corpo para visitar mundos superiores e inferiores, podendo trazer para o cérebro físico as experiências e os ensinamentos ali adquiridos. Esse é um longo e difícil caminho, cheio de obstáculos e armadilhas, e o sucesso depende exclusivamente do próprio aspirante.

O homem só é verdadeiramente livre quando tem completo domínio de si mesmo, e esse domínio só pode ser obtido por meio do autoconhecimento. A realização do autoconhecimento exige, no entanto, o entendimento prévio e verdadeiro do nosso mundo interior e da realidade que nos cerca. Torna-se, então, necessário o buscador desenvolver a sabedoria de distinguir o verdadeiro do falso. Para isso, precisa alinhar sua mente superior com a alma universal. Essa, contudo, não é uma tarefa fácil. Se aspiramos às alturas espirituais devemos fazer um esforço correspondente a essa ambição. Cresce, por isso, a importância de aprofundarmos o conhecimento da sabedoria antiga, pois ele funciona como um mapa que indica o roteiro de acesso ao mundo espiritual. Aquele que obtém esta sabedoria passa a ter capacidade de dirigir sua própria vida, o poder de se conhecer e libertar-se pelo autodomínio, pois, como diz a máxima popular, saber é poder. Para adquirir-se esse conhecimento não basta a leitura de um bom livro, por mais profundo, fundamentado e bem escrito que seja, ou ouvir os ensinamentos e palestras de estudantes mais avançados. É necessário que o buscador se dispense dos preconceitos e de outras ilusões da personalidade e disponha-se a aceitar cada verdade que lhe for demonstrada, o que poderá acontecer até mesmo de formas insuspeitadas, já que as ideias perenes transmitidas pela teosofia, provindas de um passado remotíssimo, carregam uma energia capaz de inspirar e despertar a intuição daqueles que se aprofundam no seu exame. O estudo da sabedoria eterna é apenas um elemento catalisador do verdadeiro aprendizado, pois verdades transcendentais são impossíveis de ser percebidas só com o intelecto, é necessário

muito mais: é fundamental experimentá-las. Como diria Machado de Assis, “a melhor definição de amor não vale um beijo...”

Para captar a verdade o buscador tem antes que se aparelhar, principalmente por intermédio de práticas que conduzam a uma vida pura e altruísta, devotada às coisas do espírito. Chegará, então, o tempo em que ele deverá estar suficientemente aberto para permitir a perfeita integração dos princípios inferiores e superiores do seu ser, despertando faculdades espirituais latentes ou subdesenvolvidas que irão lhe possibilitar o desvelamento de segredos inimagináveis da natureza física e do mundo espiritual, vindo a tornar-se, por fim, seu próprio salvador, senhor de si mesmo e da natureza. Às vezes, o despertar interior, com as percepções e visões maravilhosas que o acompanham e a profunda sensação de unidade com todas as coisas, ocorre aparentemente sem nenhum esforço ou apenas pelo toque de um instrutor capacitado. Contudo, é quase certo que, antes da sobrevinda desse fato, a pessoa tenha tido vidas precedentes voltadas para a busca da verdade, em que certamente se dedicou com entusiasmo ao estudo, à meditação e à ascese.

Vacilei sobre a oportunidade de fazer mais um livro versando sobre os fundamentos da teosofia, tendo em vista a maravilhosa e abundante literatura já publicada sobre o assunto. Animei-me, no entanto, porque percebi certa carência, no nosso país, de um trabalho que oferecesse visões menos particulares, mas que, embora introdutório, apresentasse do modo mais fidedigno possível e com maior abrangência os ensinamentos teosóficos passados exclusivamente pelos fundadores da Sociedade Teosófica original. Ressalvo que me utilizei, embora com certa parcimônia e muita prudência, de informações do Glossário Teosófico, que considero uma fonte de menor pureza, já que não foi revisto inteiramente por Blavatsky. Sempre que surgiram dúvidas, procurei confrontar versões em português com os textos originais, na tentativa de evitar ao máximo um problema grave existente na maioria dos livros teosóficos em nossa língua, que é o de traduções malfeitas e eivadas de erros, os quais tornam muitos aspectos importantes da doutrina totalmente ininteligíveis, suscitando interpretações duvidosas e atritos desnecessários entre os estudantes. Sei o quanto é tentador bus-

car o conhecimento fácil apresentado em versões glamorizadas do ocultismo. O estudante realmente interessado deve resistir a essa tendência da mente inferior, deve sacudir de vez a preguiça mental e enfrentar os textos originais da teosofia clássica porque estão dirigidos àquela parte do intelecto ligada ao espírito, aquela que é capaz de ver as coisas como realmente são. Sob a luz dessa mente superior, essa literatura aparentemente esdrúxula torna-se libertadora, faz voar, abre novos sulcos mentais, transforma-nos em novos indivíduos.

Reconheço minhas limitações e não tive, a bem da verdade, a veleidade de escrever algo inédito, pois não tenho, nem de longe, a pretensão de ser um explicador dos profundos pensamentos transmitidos pelos clássicos teosóficos. Na verdade, apenas apresento algumas ideias trazidas no último quartel do século XIX diretamente pelos mestres de sabedoria e desenvolvidas por eles próprios e por Helena P. Blavatsky, a mais importante discípula daqueles elevados seres naquela ocasião. Faço uso em grande extensão das palavras dos próprios autores e parafraseio os seus escritos, evitando socorrer-me de autores posteriores no que diz respeito a questões doutrinárias. Assim procedo porque alguns desses escritores, caminhantes da senda teosófica e possuidores de conhecimento humano avançado e detentores de notáveis capacidades parapsíquicas, tornaram-se vítimas do autoengano proporcionado por deslumbramentos perceptivos e arroubos místicos injustificados, revelando serem pessoas ainda imaturas consciencialmente ao não adotarem a necessária autocrítica na interpretação de suas próprias vivências. Muitas vezes a diminuição da lucidez dessas pessoas, tomadas pelo fascínio da perceptividade extrafísica ou do brilhantismo intelectual precipitou as suas consciências em erros que reforçaram sectarismos religiosos ou criaram expectativas enganosas com relação a si próprias, incentivando-as a inaugurarem correntes filosóficas independentes, distanciadas da realidade.

Diante da advertência do mestre K. H. de que “ninguém, exceto aqueles que passaram pelo menos pela sua terceira iniciação⁸ é capaz de escrever de modo compreensível sobre estes

⁸ A propósito das etapas da iniciação, o próprio mestre K.H. escreveu: “Os graus de iniciação de um adepto assinalam os sete estágios em que ele descobre o segredo dos princípios setenários na natureza e no homem e desperta seus poderes adorme-

assuntos”,⁹tenho plena consciência das grandes limitações deste trabalho e de quanto estou sendo audacioso, pois jamais passei por qualquer iniciação, tampouco sou um chela¹⁰ aceito ou mesmo um místico. Sou apenas um mero estudante leigo que está muito longe de ter alcançado a verdadeira compreensão daquilo que os mestres escreveram ou falaram e, por isso, estou certo de que o trabalho apresenta sérias imperfeições, pelas quais me penitencio desde já. Não obstante, procurei ser o mais imparcial possível, traduzindo aqui, com muito entusiasmo, meu entendimento daquilo que li e agora retransmito. Vale ressaltar a advertência feita por Mário Quintana sobre as deficiências da comunicação, quando disse com muito humor que a gente “pensa uma coisa, escreve outra, o leitor entende outra e a coisa propriamente dita desconfia que não foi dita propriamente.” Em que pese as imensas limitações, fico, ainda assim, muito feliz de poder, ao menos, reafirmar o que escreveu Guimaraes Rosa: “eu quase nada sei, mas desconfio de muita coisa.”

A rigor, meu papel foi organizar o material que existe nos principais escritos de Blavatsky, mormente no livro *A Doutrina Secreta*, e nos documentos originais provindos dos próprios mestres, especialmente nas Cartas dos *mabatmas* ou, algumas vezes, em obras referendadas por eles, procurando interpretá-los e contextualizá-los, resumi-los e dar um sentido orgânico aos temas desenvolvidos, ciente de que a vastidão e complexidade deste material dificultam o entendimento da teosofia e costumam desanimar os buscadores iniciantes. Blavatsky, submetida a julgamentos *a priori*, sabia da dificuldade de aceitação de sua obra e previu que só no século XX algumas partes seriam justificadas.¹¹

Embora tenha dado o melhor de mim, não tenho a mínima pretensão de que este livro possa substituir qualquer outro e reconheço que existem livros bem melhores que este. Espero apenas que ele não venha a se constituir em mais uma contribuição, embora modestíssima, ao estudo dos temas abordados nas obras já consagradas, que estão entre os assuntos que reputo dos mais atraentes e relevantes dentre todos os campos de cidos.” (*Morya*, 2001, Vol. II, p. 296).

9 (Ibidem - p. 282).

10 No oriente, são chamados de chelas (sânscrito) os discípulos já previamente aceitos para o estudo do ocultismo.

11 (Blavatsky H. P., *A Doutrina Secreta*, 1973, Vol. III – p. 460).

interesse investigativo do espírito humano. Consola-me pensar que a floresta seria muda se nela só cantasse o uirapuru.

Dedico aos meus pacientes leitores e aos teósofos este texto básico e simplificado de teosofia, na esperança de que ele possa ser continuamente aperfeiçoado pelas pessoas que tenham a mesma preocupação que eu. Para melhor aproveitamento do livro, sugiro que o estudante o leia na sequência natural e sem pular nenhum capítulo, pois todos os conceitos expostos foram estruturados numa ordem lógica e grau crescente de esclarecimento; tijolo por tijolo, como numa construção. Sei que o elogio tem a capacidade de suscitar a soberba e pode vir a arruinar a continuidade deste trabalho, já a crítica é salutar e bem-vinda, pois é libertadora.

Capítulo 1

As ciências do oculto na Natureza e no homem

É comum o principiante no estudo da filosofia oculta, ao deparar-se com a expressão ‘ciências ocultas’ e outros

termos correlatos ou que têm significado parecido, ficar um tanto confuso por não entender as sutilezas de suas diferenciações. Ocultismo, por exemplo, é o mesmo que ciências ocultas, e pode ser compreendido como um corpo de ensinamentos, teorias e práticas de fundamento místico que pretendem desvendar os segredos mais profundos da natureza e da humanidade. O ocultismo não é geralmente aceito pela comunidade científica por não se adequar aos métodos de formulação e comprovação das teses científicas.

Todos conhecimentos ocultos têm relação com o esoterismo, o misticismo e a magia e foram grandemente influenciados pelas religiões e filosofias orientais, cujos textos sagrados estão escritos na linguagem da alegoria e do símbolo, resultando numa imensa dificuldade de compreensão até mesmo para estudantes mais avançados. Os ensinamentos da alquimia, por exemplo, que nasceu na Atlântida e reviveu no Egito muito posteriormente, foram colocados propositadamente sob a forma de metáforas, algumas até bem estranhas, para serem entendidos apenas pelos iniciados. Se o imperador romano Diocleciano não houvesse queimado os livros secretos dos egípcios em 296 de nossa era, muito mais se saberia sobre a Atlântida e a alquimia.¹ Da mesma forma, muitos outros ramos do ocultismo, como a astrologia e a numerologia, podem até ter embasamento científico, mas é difícil apresentá-los de uma maneira objetiva e comprovar a sua exatidão nas mesmas bases e com os mesmos métodos de verificação das ciências exatas, até porque ainda estão fora da esfera ortodoxa do conhecimento científico empírico.

Até mesmo expressões vernáculas são empregadas muitas

¹ (Blavatsky H. P., *A Doutrina Secreta*, 1973, Vol. IV, p. 333 – Nota 56).

vezes com sentidos bastante divergentes e desfigurados, sendo pedras pontudas no caminho do iniciante. O estudante deve ficar atento no sentido de que algumas palavras são sinônimas ou têm significado muito próximo, como por exemplo, os termos ‘esotérico’, ‘arcano’ e ‘oculto’, e precisa conhecê-los o verdadeiro sentido que é transmitido pela tradição oculta. Para aplinar o conhecimento e o linguajar dos estudantes, que se perdem, às vezes, em discussões estéreis, dedicamos este capítulo ao exame mais detalhado de alguns conceitos fundamentais correlacionados com as ciências ocultas geralmente mal-entendidos pelo público em geral.

Exoterismo versus esoterismo

É comum as pessoas confundirem exoterismo com esoterismo e, ainda mais, deturparem o real significado desta última palavra, dando-lhe uma conotação pejorativa. Esses termos, embora tenham a mesma pronúncia, indicam coisas diametralmente opostas. Exoterismo significa aquilo que é exotérico, que é uma palavra derivada de outra grega, *éksôtéríki*, que quer dizer literalmente ‘de fora’, ‘exterior’. Então, algo é exotérico quando está disponível publicamente, sem restrições, uma coisa vulgar, ou comum. Porém, sob um prisma filosófico, o exoterismo, dizia respeito às doutrinas e ensinamentos das escolas de mistérios da Antiguidade grega e de outras civilizações que eram transmitidos abertamente ao público, em geral de forma simbólica ou reduzida, oral ou escrita, e por intermédio de rituais e cerimônias religiosas. Já o esoterismo compreende os ensinamentos ocultos transmitidos nessas mesmas escolas, porém de forma gradual e de acordo com o nível iniciático daqueles que os recebiam. Eram, portanto, ensinamentos relacionados ao ocultismo. Por extensão, a palavra passou a ser aplicada também às ideias ou ensinamentos ministrados em grupos fechados ou restritos de pessoas com interesses comuns, podendo significar, além disso, assuntos muito intrincados dominados só por especialistas.

É natural que, com a evolução da humanidade e o crescimento intelectual que o acompanha, aquilo que era esotérico num determinado período venha a se tornar exotérico noutra

época. Geoffrey Hodson (1886-1983), importante autor teósofo neozelandês, diz-nos que o sistema heliocêntrico, a estrutura eletroatômica da matéria, a transformação da energia elétrica em outras radiações como luz e calor, a manufatura de explosivos, a medicina psicossomática e as demonstrações do poder humano de percepção extrassensorial, foram conhecimentos esotéricos preservados pelas escolas de mistérios e que hoje se tornaram de domínio da ciência e das pessoas mais esclarecidas. No entanto, há ainda muitos outros conhecimentos e práticas que permanecem cuidadosamente preservados e deverão ser revelados à humanidade no seu devido tempo.²

Nos dias atuais, a distinção entre aquilo que é transmitido reservadamente e o que é exposto às pessoas comuns ainda prevalece em diversas organizações como fraternidades e irmandades de cunho religioso ou leigo. Algumas sociedades secretas não passam propriamente ensinamentos, mas unicamente ideologias, que são muitas vezes revolucionárias e outras até mesmo criminosas e sectárias, como a Máfia, a Ku Klux Klan e a Al Qaeda. Como exemplos de sociedades secretas temos a Maçonaria, a Opus Dei, a Ordo Templi Orientis, A Ordem Hermética da Aurora Dourada (Golden Dawn), a Sociedade Thule, a Sociedade Vrill. Há também grupos fechados que, por receio, preferem expor suas ideias reservadamente, como é o caso do Club Bilderberg, formado por alguns líderes mundiais para discussão de assuntos políticos delicados, com vista principalmente ao entendimento entre culturas diversas, conforme afirmam seus sócios.

Misticismo

Para os teosofistas, o misticismo tem a ver com uma visão direta da realidade, pela intuição, ou *insight*, e sem a necessidade do uso do raciocínio lógico. Só pode ser um verdadeiro místico aquele em que a essência da verdade eterna se instalou no interior de sua consciência, pois a mera especulação intelectual ou conhecimento de alguns arcanos da natureza apenas gratificam o ego em sua busca doentia por satisfazer a sua curiosidade. A experiência mística dispensa a intermediação de

² (Hodson, 2007).



Compartilhe

mediadores, como sacerdotes, gurus e outros e, com muito mais razão, os dogmas de qualquer religião, sendo, nesse sentido, um conceito muito próximo daquilo que concebemos como ocultismo e magia. Adotamos, por isso, a definição mais natural que entende o misticismo como o estudo e principalmente a prática e a experimentação das leis do universo que unem o homem à natureza e aos ‘deuses’, transcendendo o mero intelectualismo. A percepção da verdade será tanto mais clara quanto maior for o alcance da visão espiritual do místico. A mente do místico impressiona-se com a manifestação dos poderes invisíveis da natureza, geralmente perceptíveis para ele, e o verdadeiro místico deve saber que, ao evocar o seu deus, está evocando, de fato, estes poderes personificados no nome de uma divindade.

Quando há significativa decadência moral da humanidade, que vem geralmente acompanhada do incremento da violência, do egoísmo, da perversidade e toda sorte de males, observa-se o surgimento compensatório de um impulso renovador no misticismo, que traz inspiração adicional à vida das pessoas e projeta novo raio de esperança no ânimo daqueles que acreditam no predomínio do bem. A humanidade nunca fica desamparada. Nos tempos atuais, assistimos claramente o desenvolvimento desse fenômeno, sendo escusado falar do crescimento assustador do mal na sociedade mundial, que salta à vista de qualquer observador. Em contrapartida, é notória também a intensificação da atitude religiosa e da renovação espiritual de grande parte da população. É fácil perceber-se o surgimento de místicos notáveis, em número considerável, vinculados ou não às religiões tradicionais. Nota-se também o crescimento do interesse, principalmente no Ocidente, pelas visões mais místicas e filosóficas de algumas religiões orientais, como é o caso das escolas budistas tibetana e zen, assim como da vedanta e da ioga indianas.

Numa perspectiva mais abrangente, o misticismo é, contudo, um conceito difícil de formular com exatidão porque alcança uma gama muito ampla de experiências que podem ser classificadas como místicas. As correntes de pensamento místicas são muito antigas e já existiam, principalmente no Oriente, antes mesmo de Platão. Contudo, na sua origem grega, a

palavra misticismo servia mais para definir um certo tipo de teologia do que propriamente para expressar uma experiência transcendental. Segundo consta, o primeiro escritor a empregar a palavra ‘místico’ teria sido pseudo-Dionísio, o areopagita, no final do século V. Para ele o misticismo era um sistema filosófico-religioso que concebia Deus como algo absolutamente transcendente, portanto inalcançável pela razão. A partir daí a palavra ganhou novos contornos e tem sido usada mais comumente para designar os conhecimentos esotéricos não sujeitos à verificação puramente intelectual. Há outros significados mais vulgares e mais abrangedores que entendem o misticismo como a tendência para a vida contemplativa e a religiosidade ou ainda a disposição para crer no sobrenatural. A rigor, entretanto, os ocultistas veem a palavra ‘sobrenatural’ com outra conotação, entendendo-a mais no sentido de ‘sobre-humano’, pois sabem que nada existe acima ou fora da natureza, sendo esta idêntica ao espaço infinito, ao qual nada se lhe escapa.

Os elementos místicos de qualquer doutrina podem também ser incluídos no conceito de misticismo. Portanto, no sentido mais amplo, praticamente em todas as religiões do mundo podem ser encontradas esses elementos, na medida em que todas descrevem o encontro do homem com um deus pessoal, o que se chama experiência mística. Na Bíblia e em quase todas as narrativas e escrituras das religiões orientais, como o hinduísmo e o budismo, e de outras culturas, como a celta, são descritos seguramente fenômenos de ordem mística, existindo, além disso, ensinamentos de grande valor que podem ser considerados chaves para a realização da experiência mística.

Ocultismo - o estudo dos fundamentos de todas as coisas

O propósito do ocultismo é o estudo teórico e prático dos mistérios da natureza, que inclui o mundo superfísico, e o desenvolvimento dos poderes latentes no homem. Essa investigação vem a ser o terceiro objetivo da Sociedade Teosófica, justamente porque a sabedoria secreta é o fundamento das religiões e filosofias mais antigas do mundo. O ocultismo é uma ciência real, e os fatos que lhe dizem respeito devem ser percebidos não só pelos sentidos físicos, mas também pelos sentidos internos,

ou espirituais. É por esse motivo que os métodos da ciência oculta escapam à atenção da ciência convencional, preocupada que está apenas com a aparência das coisas e, portanto, longe da compreensão da essência imaterial subjacente à natureza material. Um ocultista percebe a unidade da natureza e é capaz de usar forças dos planos invisíveis para produzir efeitos físicos. Os experimentadores sem acesso a esse conhecimento operam os mesmos elementos, porém em sua forma manifestada no plano material onde estão presentes nas diversas substâncias terrestres. O reconhecimento da unidade da natureza é o princípio mais fundamental do ocultismo. Ademais, os conhecimentos e as práticas do ocultismo não são disseminados francamente, pois podem se tornar perigosos quando utilizados por pessoas inescrupulosas, por isso eles são passados com muito critério e discernimento. Aquilo que hoje é objeto da atenção do ocultismo deverá, no entanto, ser o conhecimento comum e poder efetivo da humanidade em seu progresso evolutivo em algum ponto no futuro longínquo. Até que chegue esse momento, haverá sempre a diferença entre aqueles que penetraram mais ou menos profundamente nos arcanos da natureza.

O ocultismo, entendido como a ciência dos mistérios reconditos da natureza física, psíquica, mental e espiritual, tem o mesmo significado de ciências ocultas, ou herméticas, sendo conhecido ainda no Ocidente como misticismo, magia, ioga (o conteúdo filosófico) e cabala (no Oriente). Essa sabedoria que vem sendo acumulada durante eras é denominada também filosofia oculta. Não há maneira mais eficaz de se compreender o ocultismo arcaico, derivado da antiga sabedoria da Lemúria e da Atlântida, que os métodos clássicos do hinduísmo e do budismo. A palavra ocultismo deriva-se de outra latina, *occultus*, que significa oculto, escondido, secreto, e diz respeito aos segredos arcanos da natureza, aquilo que está fora da percepção normal dos indivíduos ou que não pode ser explicado pelas leis naturais conhecidas da ciência. O ocultismo é também o conhecimento que está em desuso ou perdido nas origens de todas as culturas, os quais se procura resgatar com o exame apropriado dos símbolos expressos nas tradições e escrituras de todos povos.

Dentre outras possibilidades e numa visão hinduísta, as ciências esotéricas, ou ocultismo, podem ser classificadas em quatro categorias, quais sejam: 1) *yajana-vidya*, que é o conhecimento das forças da natureza que podem ser despertadas por intermédio de algumas cerimônias e ritos religiosos; 2) *mabavi-dya*, quer significa literalmente o ‘magnífico conhecimento’. Em que pese ser entendida também como a ciência secreta possuída apenas pelos iniciados mais elevados, ela é aqui reconhecida apenas como a magia dominada pelos cabalistas e por algumas seitas tântricas, que quase sempre resvala para a reles feitiçaria; 3) *gubya-vidya* é o conhecimento secreto dos mantras místicos, ou seja, dos poderes misteriosos que habitam o som e que estão presentes nos mantras, nas preces, nas ladainhas, quando cantados em determinados ritmo e melodia; 4) *atma-vidya*, expressão que significa literalmente ‘conhecimento da alma’, mas que tem significado muitíssimo mais amplo, sendo a forma suprema do conhecimento espiritual.

O ocultismo é compreendido pelo público em geral como a ciência do paranormal, dos fenômenos considerados sobrenaturais, estando conseqüentemente fora do campo da ciência experimental. Dessa forma, apesar de ser um farol guiando a humanidade, o ocultismo costuma ser vítima do desdém do vulgo e considerado, às vezes, o produto de mentes perturbadas. A palavra está bastante desgastada e, muitas vezes, tem sido empregada maldosamente como sinônimo de embuste ou feitiçaria, sofrendo influência de preconceitos e percepções religiosas distorcidas. As pessoas, desconhecendo seu real significado, associam, em geral, o ocultismo com adivinhação, satanismo, magia negra, necromancia, poderes sobrenaturais. Foi, portanto, uma infelicidade utilizar-se o vocábulo ocultismo como tradução da expressão composta *gupta-vidya* dos antigos brâmanes hindus, que significa conhecimento secreto, ou ciência esotérica.

Outro desvirtuamento é o suposto vínculo que se faz entre o ocultismo e as sociedades secretas, tipo Maçonaria, Ordem dos Templários, Illuminati, Ordo Templi Orientis e tantas outras, algumas de caráter bem sinistro ou com práticas e propósitos sectários. Para evitar-se mal-entendidos, a expressão ‘ciência oculta’ seria mais bem compreendida se fosse substituí-

da por ‘ciência do oculto’. Ainda que surjam incompreensões e resistências à sabedoria oculta, e elas existirão ainda por muito tempo, pois essas fraquezas fazem parte do lento processo evolutivo da humanidade, a luz divina que emana dessa ciência se mostrará imorredoura e irresistível, e a verdade haverá de prevalecer inelutavelmente com todo o seu esplendor.

Certas faculdades mentais extraordinárias chamadas comumente de poderes extrassensoriais dominados por algumas pessoas, tais como mesmerismo, clarividência, clariaudiência, precognição, leitura de pensamentos, reforçam a convicção da existência de poderes excepcionais, revigorando a ideia da possibilidade real da presença de aptidões extraordinárias latentes em todo ser humano. A aquisição desses poderes, passíveis de serem obtidos e controlados com auxílio do ocultismo, podem nos ajudar no dia a dia a ser menos ansiosos e dependentes, abrindo espaço para uma visão mais espiritual da vida. Qualquer pessoa pode se dedicar ao estudo dos métodos da ciência oculta sem necessidade de um preparo muito especial ou uma disciplina muito rígida ou altos princípios de moralidade. Contudo, é muito grande o risco dessa pessoa descambar para a magia negra, e é bem pesado o carma dos magos negros. Para exemplificar, basta lembrar os perigos envolvidos no hipnotismo, na medida em que o hipnotizado fica submisso à vontade do hipnotizador, lembrando que essa arte descende do mesmerismo³ que é apenas um sub-ramo do ocultismo. Aqueles que são atraídos para o ocultismo devem estudar, com a maior profundidade possível, a filosofia teórica da ciência do espírito e praticar a caridade sem

³ A palavra mesmerismo originou-se da pesquisa do médico e magnetizador alemão Franz Anton Mesmer (1733-1815), que defendia a tese da ascendência dos astros sobre o organismo humano e a ideia da existência de um fluido universal. Este fluido, à semelhança daquilo que chamamos de akasha, viria a ser a energia primordial que produz tudo no universo e envolve sutilmente os corpos. Nos minerais esta energia é conhecida como fluido magnético, nos vegetais é referida como fitomagnetismo, nos animais é o fluido magnético animal, e nos homens, o fluido magnético espiritual. Mesmerismo virou sinônimo deste magnetismo, e o magnetismo de Mesmer vem a ser a reciprocidade entre dois seres vivos por intermédio da corrente vital (prana) que brota das criaturas. Segundo consta, Mesmer teria feito diversas curas com a utilização do magnetismo animal e de elementos como o ferro e a água. Há milênios, a medicina tradicional do Oriente, como a acupuntura, já discorria sobre o magnetismo e as correntes de energia que circulam pelos meridianos. Portanto, Mesmer praticamente redescobriu a força magnética e as suas aplicações, por intermédio das quais uma pessoa pode exercer influência direta sobre a mente e a vontade de outra. O hipnotismo utiliza-se de um conjunto de técnicas que envolvem o mesmerismo e mecanismos de sugestão.

limite antes de se aventurar na obtenção de poderes extraordinários, sendo muito prudente, quase indispensável, que tenham um mestre iniciado para orientá-los direta ou indiretamente por intermédio de um discípulo avançado, caso decidam-se por adentrar os segredos da natureza. O conhecimento oculto tem sido transmitido, de geração a geração, sempre protegido cuidadosamente de distorções para que se mantenha puro em sua essência, sendo passado de instrutor a discípulo desde tempos imemoriais e somente após o aspirante ter demonstrado habilidade e comportamento moral exemplar, a fim de que se evitem sofrimentos que de outra forma poderiam surgir com o mau uso dos ensinamentos que conferem poder. Esses ensinamentos misteriosos pretendem criar uma consciência universal de amor fraterno sem barreiras, devendo, por isso, ser passados numa linguagem simbólica que seja comum aos iniciados de todos tempos e de todas as religiões.

As ciências ocultas são o conhecimento teórico de ocultismo que explica a operação das leis da natureza, havendo diferença enorme entre esse saber abstrato e a sua prática, que é a teosofia em essência. *Atma-vidya* é o único ramo que possibilita a apreensão completa do ocultismo, sendo aquele que permite se alcançar a verdadeira sabedoria, entendida como a resultante da união de conhecimento e amor, porquanto o ocultismo não pode subsistir sem a prática altruística. As demais modalidades dão apenas uma visão parcial da ciência oculta. *Atma-vidya* é o conhecimento que deve ser perseguido pelos teosofistas que estejam dispostos a renunciar o seu eu inferior. Nada obstante, o indivíduo pode ser bom teosofista tendo apenas um comportamento ético adequado e trabalhando em prol da humanidade, sem ser necessariamente um ocultista (conhecedor da ciência oculta). Pode optar, portanto, entre ser um filantropo ou um estudioso da literatura antiga, embora possa optar por ambos, o que é desejável.

Mas, o ocultista, aquele que procura estudar ou conhece os poderes e as inteligências ocultas da natureza e que, por meio da capacitação pessoal, é capaz de produzir fenômenos ocultos, está consciente de que a sua pesquisa deve ter como motivação o ideal de servir a humanidade, sendo essencial para obtenção